



Carlos Drummond de Andrade em busca de Noel Nutels

Carlos Drummond de Andrade looking for Noel Nutels

Amanda Aparecida de Almeida Borges*

Resumo: Dentre os vários poemas de Carlos Drummond de Andrade publicados em *As impurezas do branco* (1973), interessa, neste artigo, a ode intitulada “Entre Noel e os índios”. Nesse poema, Drummond elabora uma homenagem ao médico judeu e sanitarista Noel Nutels, que, juntamente aos irmãos Villas-Boas, foi um dos idealizadores da construção do Parque Nacional do Xingu. Drummond enfoca ainda a dedicação de Noel aos índios doentes e perseguidos. Este artigo estará ancorado nos estudos de Moacyr Scliar, Orígenes Lessa, Affonso Romano de Sant’Anna, Antônio Candido, Antônio Risério, Darcy Ribeiro, dentre outros.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Xingu. Noel Nutels.

Abstract: Among the poems of Carlos Drummond de Andrade published in *As impurezas do branco* (1973), interest in this article the ode entitled “Entre Noel e os índios”. In this poem, Drummond produces a tribute to Jewish doctor and Sanitarian, Noel Nutels, who along with Villas-Boas brothers, was an idealizing construction of the Parque Nacional do Xingu. Drummond also focuses on Noel’s dedication to patients Indians and persecuted. These thoughts are anchored in studies of Moacyr Scliar, Orígenes Lessa, Affonso Romano de Sant’Anna, Antonio Candido, Antônio Risério, Darcy Ribeiro, among others.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Xingu. Noel Nutels.

Considerado um dos mais destacados representantes do movimento modernista, Carlos Drummond de Andrade segue ocupando papel importante para a literatura brasileira, não só por seus escritos inspirarem inúmeros diálogos intertextuais com outros poetas, mas, também, pela forma com que descreve fatos comuns, transformando-os em arte.

Drummond, em alguns livros, mescla o seu papel de poeta com o de historiador, relatando, de forma lírica, imagens e acontecimentos marcantes de seu tempo. O poeta mineiro de Itabira, de “berço” bem afortunado, se destacou na sua época por escrever sobre assuntos que criticavam e questionavam a filosofia da vida, do homem e do mundo. Segundo Antonio Candido, em *Vários escritos* (2004), os temas corriqueiros se tornavam poesia em Drummond,



inspirados, em grande parte, em Manuel Bandeira que, de maneira espontânea “fala de si, dos seus hábitos, amores, família, amigos, transformando qualquer assunto em poesia pelo simples fato de tocá-la” (CANDIDO, 2004, p. 68-69).

A produção poética da chamada Segunda Geração Modernista Brasileira (1930-1945) fundamentou-se no anseio de renovação, abordando temas como o inconformismo, o sentimento trágico do mundo, e, também, a inquietação espiritual, lançando mão, às vezes, do humor, da paródia e da ironia. Para Afrânio Coutinho, em *Introdução à Literatura no Brasil*, “ao atingir o Modernismo, a ficção brasileira, oriunda do Romantismo, recebera as contribuições realista, simbolista e impressionista, ficando apta a absorver as experiências revolucionárias” (COUTINHO, 1976, p. 301). Pode-se se chamar também este momento de lirismo de poesia socializante, em que outros grandes nomes, além de Drummond, também se destacaram, como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Murilo Mendes, Jorge de Lima, dentre outros.

Carlos Drummond de Andrade, com o tempo, foi sentindo necessidade de escrever sobre o que vivia, escrever sobre as coisas do mundo, já que, desde menino, tinha afinidade com a leitura. Segundo Affonso Romano de Sant’Anna, em *Drummond: um gauche no tempo*, a poética de Drummond passou por três momentos: “Eu maior que o mundo, Eu menor que o mundo, Eu igual ao mundo.” (SANT’ANNA, 1992, p. 16).

Nessa primeira fase, “Eu maior que o Mundo”, a poesia drummondiana está ligada ao “sistema de oposições da obra: claro-escuro, província metrópole, essência-aparência, tudo-nada” (SANT’ANNA, 1992, p. 16). Drummond parece estar em uma relação oposta e contra o mundo e, assim: “o personagem está postado num canto, escuro, torto, contemplando a cena à distância e assumindo uma posição predominantemente irônica e egocêntrica” (SANT’ANNA, 1992, p. 16). Num segundo momento, “Eu menor que o mundo”, a poesia social é presente e a realidade se torna mais relevante: “à medida que a enorme realidade pesa em seus ombros, vai se sentindo diminuto” (SANT’ANNA, 1992, p. 16). Finalmente, depois de uma longa travessia, Drummond em “Eu igual ao mundo”, abarca a metafísica, o que, de acordo com Sant’Anna, faz com que “o sujeito (*gauche*) que vinha interagindo com o objeto (mundo), encontra o equilíbrio (relativo).” (SANT’ANNA, 1992, p. 17). Vinculado a um lirismo mais contundente, o poeta “experimentou a morte alheia e sua morte parcial e aprendeu a recriar sua vida no plano poético da memória” (SANT’ANNA, 1992, p. 17).



A maneira complexa com que Drummond elabora suas obras, Antonio Candido chamou de polaridade. Seus livros primam pela emoção, com obras que falam dos problemas pessoais como *Alguma poesia* e *A vida passada a limpo*; e outros apresentando sua preocupação com as questões sociais, como *A rosa do povo* e *Sentimento do mundo*. Essa inquietude em Drummond, de acordo com Candido (2004), está relacionada à condição de espírito ao qual o poeta se apegou: seu modo “torto” de ser.

Em *As impurezas do branco*, Drummond retoma, de forma mais evidente, os temas clássicos de sua obra, como os conflitos de amor, os impasses existenciais, a descrição de grandes personalidades. As observações irônicas sobre o cotidiano do Brasil e do mundo se encaixam às críticas sobre a televisão, o rádio, os meios de comunicação alienantes, que são temas ressaltados a partir do ar debochado que Drummond adquiriu ao mudar-se para o Rio de Janeiro. A ironia como “instrumento de defesa” (SANT’ANNA, 1992, p. 57), conforme destacou Sant’Anna, “funciona como elemento reparador nas relações entre o indivíduo e o grupo social” (1992, p. 57).

Em *As impurezas do branco*, Drummond elabora poemas-homenagens, odes às muitas personalidades que marcaram principalmente o mundo das artes. Há versos para Tarsila do Amaral e para Quixote e Sancho, de Cervantes. Há versos dedicados, também à Fayga Ostrower, Wega Nery, Ludwig Beethoven, ao conterrâneo Tiradentes, e ao médico judeu sanitarista, amigo dos índios e criador do Parque do Xingu, Noel Nutels. Este poema, “Entre Noel e os índios”, que será analisado aqui.

Carlos Drummond de Andrade apresenta ao leitor sua imensa admiração pelo sanitarista Noel Nutels. Esse médico deixou sua vida estável na cidade do Rio de Janeiro para conviver com a simplicidade e o sofrimento do povo indígena, juntamente aos irmãos Villas-Boas e Darcy Ribeiro. Dedicou parte de sua vida na tentativa de salvar os autóctones tanto de doenças tropicais que os dizimavam como dos madeireiros que os metralhavam. Essa atitude radical e humanitária do médico judeu-carioca fascinou de tal forma o poeta Drummond que ele elaborou estes belos versos a Noel Nutels:

Entre Noel e os índios

Em Vila Rosali Noel Nutels repousa
do desamor alheio aos índios
e de seu próprio amor maior aos índios.
Como se os bastos bigodes perguntassem:



Valeu a pena?

Valeu a pena gritar em várias línguas
e conferências e entrevistas e países
que a civilização às vezes é assassina?

Valeu, valeu a pena
criar unidades sanitárias aéreas
para salvar os remanescentes
das vítimas de posseiros, madeireiros, traficantes
burocratas *et reliqua*,
que tiram a felicidade aos simples
e em troca lhes atiram de presente
o samburá de espelhos, canivetes,
tuberculose e sífilis?

Noel baixa de helicóptero
e vê a fome à beira d'água trêmula de peixes.

Homens esquecidos do arco-e-flecha
deixam-se consumir em nome
da integração que desintegra
a raiz do ser e do viver.

“Vocês têm obrigação de usar calça
camisa paletó sapato e lenço,
enquanto no Leblon nos despedimos
de toda convenção, e viva a natureza...”

Noel, tu o disseste:

A civilização que sacrifica
povos e culturas antiquíssimas
é uma farsa amoral.

O Parque maravilha do Xingu
rasgado e oferecido
ao galope das máquinas,
não o quiseste assim e protestante
como se fosse coisa tua, e era
pois onde um único índio cisma
e acende fogo e dança
a dança milenar extra-Conservatório
e desenha seu momento de existir
longe da Bolsa, da favela e do napalm,
aí estavas tu, teu riso companheiro,
teus medicamentos,
tua branca alegria de viver



a vida universal.

Valeu? Valeu a pena
teu cerne ucraniano
fundir-se em meiga argila brasileira
para melhor sentires
o primitivo apelo da terra
moldura natural de homens xavantes
e kreen-akarores
lar aberto de bororos
carajás e kaingangs
hoje tão infelizes
pela compulsão da felicidade programada.
Valeu, Noel, a pena
seguir a traça de Rondon
e de Nimuendaju,
mãos dadas com Orlando e Claudio Vilas-Boas
sob o olhar de Darcy Ribeiro,
e voar e baixar e assistir e prover
e alertar e verberar
para que fique ao menos no espaço
este signo de amor compreensivo e ardente
que foi a tua vida sertaneja,
a tua vida iluminada,
e tua generosa decepção.
(DRUMMOND, 1973, p. 95)

No poema, Drummond conta um pouco da trajetória de Noel Nutels. Como apontamos antes, ele era um médico famoso, abastado, com consultório no centro do Rio de Janeiro. Mas, nem sempre, Noel fora abençoado com o conforto e a riqueza. Sua infância foi dura, marcada por tragédias e perseguições. Ele e seus familiares passaram por situações difíceis, fugindo da Rússia, até chegar ao Brasil, fugindo dos *pogroms*, ou seja, da matança maciça e violenta contra judeus russos. Noel Nutels, a mãe e a tia, em 1920, desembarcaram no nordeste do Brasil.

O pai de Nutels já havia vindo para a América, há alguns anos, em busca de melhores condições para a família. Mesmo diante de todas as dificuldades financeiras e morais enfrentadas aqui na nova terra, Nutels, amparado pela família, principalmente pela mãe, tornou-se médico. A Medicina abriu portas para que ele executasse sua humanidade. Os sofrimentos que passara com a



família o deixaram mais sensível ao sofrimento alheio e onde se encontraria povo mais desamparado do que no Brasil central? A marcha para expansão territorial oprimiu tanto os índios quanto a mão de obra dos trabalhadores quase escravos.

Assim, Drummond elabora uma ode, “Entre Noel e os índios”, em estrofes de versos irregulares. A primeira e a última estrofe com vinte e três versos, a segunda com oito, e a terceira com quatorze versos. Já no primeiro verso, Drummond menciona onde Noel Nutels está atualmente enterrado, o cemitério Vila Rosali, no Rio de Janeiro, e ainda brinca com a característica física mais marcante de Noel: seus “bastos bigodes” (DRUMMOND, 1973, p. 95). Em algumas biografias, caricaturas e desenhos, Nutels sempre ostenta seus bigodes bem destacados, que ele cultivava desde a formatura em Medicina.

Em seguida, Drummond critica a sociedade hipócrita que, ao mesmo tempo em que quer cobrir o índio, desfila seminua pelo litoral brasileiro: “Vocês têm obrigação de usar calça/ camisa paletó sapato e lenço,/ Enquanto no Leblon nos despimos” (DRUMMOND, 1973, p. 95). Mesmo a pluralidade e a diversidade culturais que são próprias do povo brasileiro, não foram capazes de ajudar o Brasil a entender a situação indígena. O preconceito contra os povos indígenas, infelizmente, é ainda uma marca da cultura brasileira.

Somente mais tarde, depois de criado o Parque Nacional do Xingu, em 1961, é que alguns expoentes da cultura brasileira, como, Caetano Veloso e Gilberto Gil mencionaram os índios em suas canções. Caetano, na música “Tropicália”, refere-se à Iracema, de José de Alencar, e Gilberto Gil em “Um sonho”, canta “Viva o índio do Xingu!”.

A incessante pergunta que Drummond faz ao longo do poema é intrigante: “Valeu a pena?” Teria valido a pena tudo que passaram Noel, os Villas-Boas e Darcy Ribeiro em luta constante, tanto com as autoridades políticas, quanto com o povo para a proteção dos índios do Xingu? Valeu a pena? Tal qual nos versos de Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Ter a alma grande era a marca destes homens. Lembremos, pela sincera ação e emoção com que Noel Nutels, os irmãos Villas-Boas, Cândido Rondon, Darcy Ribeiro e Curt Nimuendajú lutaram para que não aniquilassem uma cultura milenar, e principalmente, lutaram contra a extinção de um povo, abriram não de suas vidas pessoais em nome de um ideal.

Enquanto Nutels adentrava o Brasil, combatendo a malária, fazendo partos, lutando ao lado dos irmãos Villas-Boas para a demarcação do Parque Nacional



do Xingu, assistindo perplexo ao massacre dos índios pelos madeireiros, coronéis e fazendeiros, outra tragédia se desenrolava na Europa: a Segunda Guerra Mundial dizimava seres humanos de forma impiedosa. O regime nazista perseguia e aniquilava os judeus. No Brasil, milhares de índios morriam de malária ou pela violência dos brancos, na mesma época, na Europa, Hitler criou os campos de concentração e morte, promoveu a mais sangrenta das guerras e exterminou seis milhões de judeus.

Orígenes Lessa na biografia sobre Noel Nutels, *O índio cor de rosa*, demonstra que a posição do sanitarista era de sofrimento, mas esse sentimento vinha, acima de tudo, por causa do massacre de seres humanos: “O sofrimento dos seus, ele o identificava com o sofrimento do homem apenas, onde quer que houvesse homem pisado, povo oprimido, humanidade ao desamparo.” (LESSA, 1980, p. 72).

Na Expedição Roncador-Xingu, antes mesmo da fundação oficial do parque, Nutels foi o primeiro médico a serviço da proteção dos índios. Noel Nutels, o homem da cura! Cura de todos os males que os “brancos” fizeram e tentaram fazer aos índios. Cura pelos remédios da indústria farmacológica e cura do sentimento do índio em pensar que todos os “brancos” são cruéis. Nutels levou esperança a eles, e Drummond, nestes versos destacou a cumplicidade entre o médico e os índios:

pois onde um único índio cisma
e acende fogo e dança
a dança milenar extra-Conservatório
e desdenha seu momento de existir
longe da Bolsa, da favela e do napalm,
aí estavas tu, teu riso companheiro,
teus medicamentos,
tua branca alegria de viver
a vida universal.
(DRUMMOND, 1998, p. 96).

Os irmãos Villas-Boas, Orlando, Cláudio e Leonardo ficaram sabendo de uma expedição ao Alto Rio Xingu, financiada pelo governo de Getúlio Vargas. O objetivo era desbravar o Brasil central, para o povoamento e cultivo de novas terras. Em entrevista à revista *Rota Brasil Oeste*, Orlando Villas-Boas declara que essa iniciativa só teve peso porque, com a Europa em guerra, um francês teria feito proposta de povoamento com europeus fugitivos do Velho Mundo, e o



então presidente teria receado essa ocupação, incentivando, por causa disso, a expedição.

Outras expedições já haviam ocorrido nas regiões de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e interior de Goiás. A noção redescoberta de que os índios poderiam ser subordinados e controlados, fez com que a busca por terras a serem apossadas aumentasse. Os índios não suportaram ver a floresta sendo derrubada, então atacaram aqueles homens de arma de fogo, e muitos deles foram mortos. Drummond observa, em “Entre Noel e os índios”, que a empreitada dos irmãos Villas-Boas e Noel Nutels, serviu, para, além de tudo, salvar vidas “das vítimas de posseiros, madeireiros, traficantes/ burocratas *et reliqua*” (DRUMMOND, 1973, p. 95).

Segundo Lessa (1980), pelos seus feitos, o nome de Cláudio Villas-Boas ficou conhecido rapidamente, e em pouco tempo já estava no comando da Expedição Roncador-Xingu. Nutels, apesar de comandar a ação sanitária, não parecia um chefe: “Noel é a antítese do chefe implacável, duro, fechado, complexado, intransigente. É o que hoje se chamaria o cara legal por excelência: o brincalhão já conhecido” (LESSA, 1980, p. 88). Os irmãos Villas-Boas são responsáveis pela amistosa relação entre os índios e os desbravadores, e que mais viesse às tribos. Já o antropólogo e professor Darcy Ribeiro, também citado por Drummond, redigiu o programa e com Orlando Villas-Boas e Noel Nutels, entregou, em mãos, ao presidente Vargas, o documento que propunha a criação do Parque Nacional do Xingu.

Darcy Ribeiro escreve em *Aos trancos e barrancos*: como o Brasil deu no que deu “fomos recebidos por Getúlio Vargas para apresentar o projeto que redigi propondo a criação do Parque Nacional do Xingu” (RIBEIRO, 1985, p. 12). Ribeiro também demonstrou sua frustração, em *O povo brasileiro*, em relação à história do Brasil, quando os europeus escravizavam os indígenas. No primeiro século de colonização, a escravidão dos índios foi a que predominou: “eram caçados nos matos e engajados, na condição de escravos, índios legalmente livres, mas apropriados por seus senhores” (RIBEIRO, 1995, p. 99).

A aventura desses homens em busca de novos objetivos de vida e de altruísmo foi também relatada pelo cinema brasileiro. *Expedição Xingu*, de Cao Hamburger, foi gravado a partir de depoimentos e registros da Expedição Roncador-Xingu. O longa-metragem revela como se deu a jornada rumo ao centro-oeste do país, os conflitos entre os integrantes da expedição e a fundação do Parque Nacional do Xingu. Muito bem acolhido pela crítica e pelos telespectadores, o filme lançado após dez anos da morte do último irmão Villas-



Boas, revela que o conceito de civilidade pode ser subjetivo. *Expedição Xingu* faz parte da História do Brasil, como tantos outros filmes que o cinema vem produzindo sobre o Brasil.

Noel Nutels além de ser sensível à causa indígena, era também de notável saber. Dominava várias línguas, como Drummond destacou nos versos: “Valeu a pena?/ Valeu a pena gritar em várias línguas/ e conferências e entrevistas e países/ que a civilização às vezes é assassina?” (DRUMMOND, 1973, p. 95). Em conferências em vários lugares do mundo, o médico fazia palestras em prol de maior visibilidade da cultura de povos indígenas do Brasil. Tal qual Fernando Pessoa, nos versos de “Mar Português”, Drummond também pergunta: Valeu a pena? “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, ou no caso de Nutels, se a causa não é pequena.

Em *O índio cor de rosa*, de Orígenes Lessa, registra-se que Nutels, quando questionado sobre seus atos humanitários, sempre respondia que os fazia por ser judeu. “Faço isso porque sou judeu” (LESSA, 1980, p. 72), ou “entendo bem isso porque sou judeu” (LESSA, 1980, p. 72), eram as respostas mais comuns que os amigos e conhecidos o ouviam dizer. Mas lembrava disso apenas quando refletia sobre seus atos. De acordo com os depoimentos organizados para a formulação da biografia, e por sua própria análise, Lessa destaca que Nutels não era judeu praticante, mas o espírito da tradição ele conservava. Nutels era um homem atento. Uma alma inquieta pelo inesperado, pela satisfação das “etapas vencidas” (LESSA, 1980, p. 72). A busca incessante do judeu, dos perseguidos dos ofendidos e humilhados viviam nele.

Em 1974, a Livraria José Olympio Editora, publicou *Noel Nutels: memórias e depoimentos*, que apresenta uma série de declarações de amigos e pessoas que testemunharam dos feitos de Nutels. Na apresentação, Antônio Houaiss sintetiza o quanto foi importante a demonstração de amor que Noel Nutels transmitiu aos brasileiros e como foi difícil a ele falar sobre um homem que em sua concepção “se aproximou, como poucos, da santidade” (HOUAISS, 1974, p. VIII), e ainda encerra: “Quixote, Macunaíma – que importa? –, Noel foi um santo, é um santo, cuja hagiografia principia aqui.” (HOUAISS, 1974, p. X). Admirador de Nutels, Darcy Ribeiro exprime seu carinho ao amigo:

De onde, no seu peito, tirava aquela fé desvairada em que, amanhã, surgiria um mundo melhor, no qual os injustiçados teriam, por fim, justiça e os desesperados, esperança? Não sei. Sei apenas que o mundo vale a pena porque existe gente como o Noel. (HOAUISS, 1974, p. 92).



Em depoimento, os irmãos Cláudio e Orlando (Leonardo já havia falecido), contam que a chegada do médico ao acampamento do Rio das Mortes, não agradou muito a um Coronel chefe da expedição: “o Chefão Vanique, não recebeu de bom grado aquele doutor alegre, conversador, que ria, contava piadas e dizia versos” (HOUAISS, 1974, p. 80), e por fim, os irmãos homenageiam Nutels com estas palavras:

O que o Noel nos deixou foi uma grande lição de vida. Para ele, viver era flutuar descontraidamente sobre as mesquinhas do cotidiano e, acima de tudo, ajudar os outros, especialmente os mais necessitados e esquecidos. Foi o que fez. E agora? Bem, há muitos séculos, um guia ou profeta – judeu como o Noel – escreveu que o espírito de um homem parte, segue o seu caminho, e as suas boas obras o acompanham... Por isso, não hajam dúvidas, Noel partiu deste mundo imensamente rico. (HOUAISS, 1974, p. 86).

Um grande surto de sarampo na Expedição Roncador-Xingu fez com que Nutels tomasse rigorosas medidas para interromper a epidemia. Após o controle, ele cria e desenvolve um trabalho de atendimento médico às populações indígenas e interioranas – o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA). Drummond não se esqueceu da grande colaboração à saúde dos índios, que morriam às centenas, contaminados pelas doenças dos “brancos”: “Valeu, valeu a pena/ criar unidades sanitárias aéreas/ para salvar os remanescentes/ das vítimas de posseiros, madeireiros e traficantes” (DRUMMOND, 1973, p. 95). Esse modelo de assistência contou com equipes de médicos, enfermeiros e técnicos de saúde para levar tratamento e prevenção às áreas de difícil acesso. Os “civilizados” que levaram doenças aos índios, como comentou Carlos Drummond de Andrade: “Ihes atiram de presente/ o samburá de espelhos, canivetes,/ tuberculose e sífilis” (DRUMMOND, 1973, p. 95), também levaram o que os pudesse salvar, não todos, mas a maioria deles, Nutels estava no Xingu.

A literatura proporciona, não só uma retomada de vidas que foram importantes à humanidade, mas essa retomada ao passado é importante, para homenagear, e, principalmente, para resguardar a memória. Em *A majestade do Xingu*, Moacyr Scliar narra alguns aspectos da imigração judaica no Brasil, enfocando como foi difícil para os judeus a busca de um novo lar, principalmente por causa do antissemitismo. O narrador-protagonista de Scliar quer contar os dois lados da imigração: Noel Nutels, não sem esforço, consegue vencer na vida, é dinâmico,



feliz na terra para qual imigrou; já o narrador, é estático, sua vida foi boa, mas passou por dificuldades, teve uma relação conflituosa com o filho, seu pai não se deu bem n os negócios. De acordo com Célia Machado, Noel Nutels “opta por sulcar o chão, adentrar a mata, enfrentar os problemas dos índios com toda sua complexidade”, enquanto o narrador-protagonista “embrenha-se nos livros, se refugia em um mundo imaginário, na imobilidade de um leitor que acumula conhecimentos como forma de driblar a sua covardia” (MACHADO, 2006, p. 91).

Segundo Scliar, em *A condição judaica*, há um grande peso em aceitar a condição de judeu, que não está relacionado a uma religião somente, mas a um modo de ser ao qual se identificam (SCLIAR, 1985). Para Scliar, o judeu segue um propósito: “A eterna busca de um lugar abrigado, seja este lugar o colo da mãe, a casa paterna, ou o Estado protetor” (SCLIAR, 1985, p. 6). Tudo isso parece adequado de se dizer de Noel Nutels aqui no Brasil, junto aos índios:

Valeu? Valeu a pena / teu cerne ucraniano / fundir-se em
meiga argila brasileira / para melhor sentires / o primitivo
apelo da terra. (DRUMMOND, 1973, p. 96).

O fato é que há certa analogia entre a perseguição dos judeus e a dos índios. Se Hitler matou seis milhões de judeus numa guerra, o preço da colonização da América Latina também custou a vida de milhões de indígenas. Darcy Ribeiro, por exemplo, aponta para o fato de que “a população original do Brasil foi drasticamente reduzida por um genocídio de projeções espantosas, que se deu através da guerra de extermínio, do desgaste no trabalho escravo e da virulência das novas enfermidades que os achacaram”. (RIBEIRO, 1995, p. 130). Ou como Drummond também destacou de forma lírica: “Noel tu o disseste:/ A civilização que sacrifica/ povos e culturas antiquíssimas/ é uma farsa amoral.” (DRUMMOND, 1973, p. 96).

Outro aspecto que é possível vislumbrar ainda é a questão da memória em Drummond, já que Noel Nutels se converteu em personagem fictício na pena do poeta. Drummond “se revolta contra a entropia, se articula diante do abismo, transformando a perda em ganho e a morte em vida” (SANT’ANNA, 1992, p. 192). Assim, as memórias podem ser transportadas para qualquer tempo, e para além dele. Para Sant’Anna, pessoas comuns não conseguem reunir memória de forma densa, esse privilégio é dos poetas que organizam o caos interior, que transcendem a escrita.



De acordo com Claude Lévi-Strauss, alegar superioridade e inferioridade entre etnias é um tipo de preconceito racista. Lévi-Strauss afirma que “os grandes grupos étnicos que compõem a humanidade trouxeram, enquanto tais, contribuições específicas ao patrimônio comum.” (LÉVI-STRAUSS, 1973, p. 328). Parece, assim, que “é indubitável que os homens elaborem culturas diferentes por causa do afastamento geográfico, das propriedades do meio e da ignorância com o resto do mundo” (LÉVI-STRAUSS, 1973, p. 332).

A perseguição de grande parte dos indígenas residentes no Mato Grosso foi minimizada com a criação de um parque: lar que protegeria a pluralidade da cultura indígena. No parque foram salvaguardados índios de etnias diversas. O escritor André Carvalho e a pesquisadora Eliana Ahouagi, em *Os índios do Brasil*, chamaram a atenção para a “uniformização de hábitos e costumes” (CARVALHO, 1997, p. 51). Os hábitos particulares de cada cultura indígena foram se perdendo e, por fim “Só a língua que não é a mesma.” (CARVALHO, 1997, p. 51). Contudo, não apenas as culturas indígenas se homogeneizaram. Os indígenas poderiam perder suas origens, acima de tudo se esquecendo delas ao ficarem em contato com a cultura dos “brancos”. Foi o que Drummond escreveu:

Noel baixa de helicóptero / e vê a fome à beira d'água
trêmula de peixes. / Homens esquecidos do arco-e-flecha /
deixam-se consumir em nome / da integração que
desintegra a raiz do ser e do viver.

(DRUMMOND, 1973, p. 95)

Para Darcy Ribeiro (1995), temos sim grandes chances de sermos uma potência latina, mas para isso devemos, primeiramente, saber respeitar essa civilização milenar que ao se miscigenar construiu de fato o povo brasileiro. Graças a estudos antropológicos, sabemos que, se não houvesse essa mistura de raças, e a aceitação delas, nunca chegaríamos a ser o país que somos, com essa diversidade cultural e artística tão apreciada por nós mesmos, e pelo mundo. Ainda há muito por fazer, mas como profetizou Ribeiro o Brasil é um “império tardio”.

Tanto Drummond como Nutels são personalidades que fizeram e fazem a diferença nesse país periférico, ainda racista, de herança escravocrata e de educação frágil. Não por acaso, o poeta encerra seu belo poema, “Entre Noel e os índios”, com os versos:



para que fique ao menos no espaço / este signo de amor
compreensivo e ardente / que foi a tua vida sertaneja, / a
tua vida iluminada, / e tua generosa decepção.
(DRUMMOND, 1973, p. 97).

O médico sanitarista Noel Nutels e suas ações humanitárias fascinaram o poeta Carlos Drummond de Andrade. É como se o poeta *gauche* novamente cantasse: “Uma flor nasceu na rua!”. Essa flor é Nutels.

* **Amanda Aparecida de Almeida Borges** é graduanda em Letras na Universidade Federal de Uberlândia.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entre Noel e os índios. In:_____. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 95-97.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CARVALHO, André. *Os índios do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ENTREVISTA com Orlando Villas-Boas. Rota Brasil Oeste. Disponível em: <<http://www.brasil Oeste.com.br/2002/12/entrevista-orlando-villas-bas/>>. Acesso em: 23 jul. 2012.

HOUAISS, Antônio (Comp.). *Noel Nutels: memórias e depoimentos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia cultural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. (Biblioteca Tempo Universitário, v. 45)

MACHADO, Célia Maria Borges. *Memória e narrativa no romance A majestade do Xingu*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.



ORÍGENES, Lessa. *O índio cor de rosa, evocação de Noel Nutels*. Edição Especial, Rio de Janeiro: Codreco, 1980.

POVOS indígenas no Brasil. O serviço de proteção aos índios. Disponível em:

<[http://pib.socioambiental.org/pt/c/politicasindigenistas/orgaoindigenistaoficial/oservico-de-protecao-aos-indios-\(spi\)](http://pib.socioambiental.org/pt/c/politicasindigenistas/orgaoindigenistaoficial/oservico-de-protecao-aos-indios-(spi))>. Acesso em: 23 jul. 2012.

RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos, como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

RISÉRIO, Antônio. *Textos e tribos*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica: das tábuas da lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.